SALTA!

ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO II — Janeiro-Fevereiro 1958 — N.os 17-18

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

EDITORIAL

PRESTÍGIO

Podemos defini-lo como conceito em que é tido pela Sociedade um indivíduo ou grupo de indivíduos.

Vejamos antes de mais nada se este assunto merece reflexão.

Que valor tem o prestígio? Vale a pena e devemos fazer por gozá-lo?

A consideração que merecemos aos outros será tanto mais de ter em conta quanto maior for a percentagem e a categoria humana dos que sobre nós têm opinião conscientemente formada. Essas opiniões servir-nos-ão para reflectirmos sobre a nossa conduta mas não devemos submeter esta àquelas.

Isso seria abdicar da nossa personalidade.

Perante nós próprios temos obrigações e essas são o essencial: honestidade, progresso, compromissos tomados, generosidade.

O cumprimento do Dever dará satisfação connosco mesmo e dar-nos-à jus a sermos considerados Homens Dignos. O prestígio, consideração dos outros, normalmente acompanha o valor.

Portanto o prestígio não deve constituir finalidade. De resto, aquele que busca prestígio não consegue mais que popularidade.

O homem que merece prestígio tem valor eclético, personalidade forte; não actua para ser visto; adopta uma linha de conduta firme, não se preocupa em ser agradável para todos. O prestígio leva tempo para se afirmar e confirma-se em qualquer situação, especialmente nas difíceis.

Ao contrário, para obter popularidade, basta ter algumas qualidades restritas, fazer-se conhecido e «simpático», ter «piada» e «facilitar».

Dos dois, o único que vale verdadeiramente é o prestígio e vale como reflexo do valor individual.

Todo o homem deve saber merecer o respeito e consideração da Sociedade.

E se ocupa uma posição de destaque, então o seu prestígio não é nma conveniência mas sim uma necessidade porque é ele que apoia e justifica o título, o cargo, o posto.

Mas, afinal, que fazer?

Procuremos ter valor por nós próprios. O que os outros pensam de nós, está em segundo plano. E se realmente tivermos valor, mais tarde ou mais cedo ele será reconhecido. Nada de propagandear alardes presunçosos, nada de querer mostrar aquilo que talvez não somos; nada de perder em exibições o tempo que necessitamos para aplicar em algo útil. E do esforço resultará progresso, elevação.

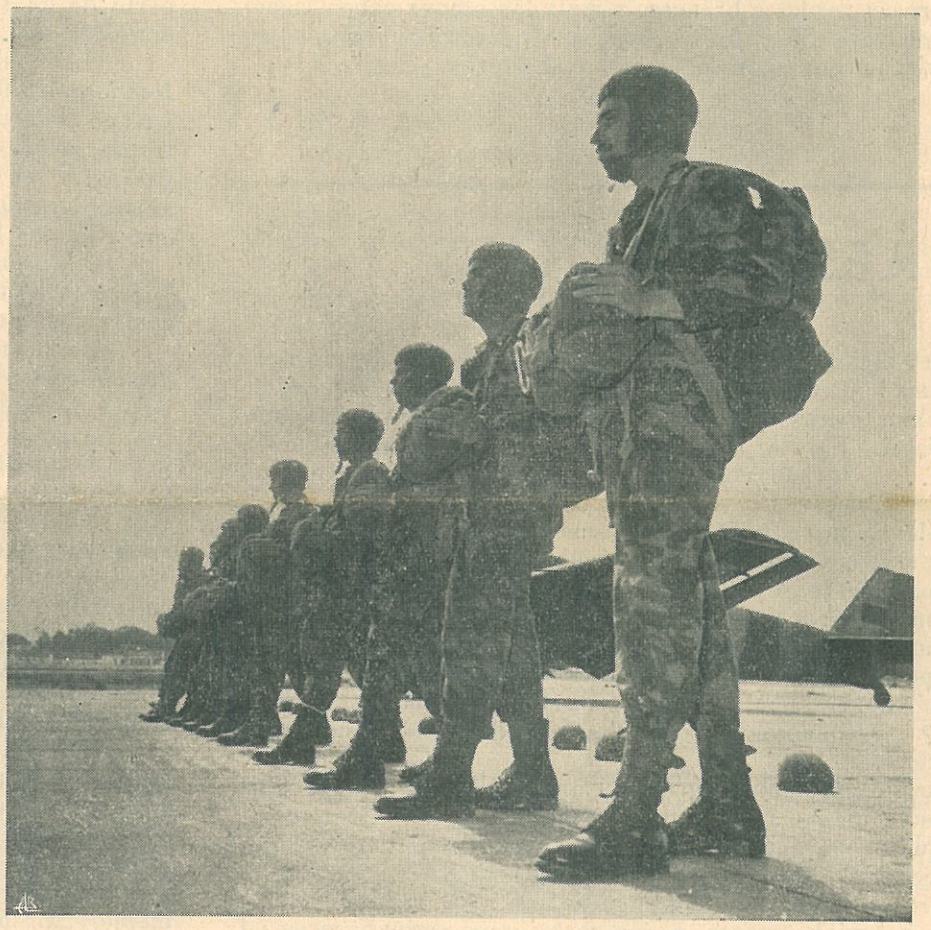
E destes resultará Prestígio que, como justo orgulho, se irá juntar ao Brio — inseparável do Homem que se preza.

S. C.

Alardear de algo é sintoma de carecer do que se presume.

O fanfarrão é esforçado em palavras, mas, o paraquedista deve sê-lo em feitos e estes é que mostram o seu valor.

ORAÇÃO DE UM PARAQUEDISTA



Senhor:
Eu não quero pedir-Vos impossíveis
que Vós realizais,
não quero uma coroa de loiros
a aureolar os meus cabelos,
não quero o meu nome escrito
entre o dos Imortais
nem tampouco quero dinheiro, honra e fama
a levantar-me desta imunda lama
em que vivo.

Senhor:
Eu que humanamente
não sou cobarde nem valente
quero pedir-Vos
fé em mim próprio e bravura
para que sem dúvida e sem hesitação
me lance de toda a altura
que alcance a minha imaginação,
que a minha vontade domina
para que o meu sonho doirado
que sempre ambicionei
seja realizado.

Senhor:
no momento decisivo
arranca de mim o medo que me poderá tolher
e deixa-me viver,
sósinho,
no Teu espaço imenso
todas as sensações
de que o meu corpo extraordinàriamente tenso
se possa aperceber.

Senhor:
Que toda essa seda branca
que me esconde do Teu céu azul
me faça mais suave a descida
para que o contacto entre mim
e a Tua Terra amiga
não vá criar
neste espírito irrequieto
complexos que o inibam de saltar.

Senhor:
Que se um dia for chamado
para o cumprimento do dever
possas ver marchar
de encontro à morte
um homem que sabe jogar
a sua última cartada de sorte.

Senhor:
Depois de todas estas preces
só quero render-Vos graças
da minha alma agradecida,
porque tornaste realidade
a máxima ambição da minha vida:
ser PARAQUEDISTA
por minha e Vossa vontade.

L. T. Faria

LIMITE

Foi uma vez numa corrida... Não sei se de touros, se de automóveis. Não foi de paraquedas, porque a estas corridas, quizeram chamar-lhes de quedas. Eu era então espectador, como agora sou quando do céu tombam num florir rosas verdes e brancas, numa cedência compassada com a nossa espectativa e tranquilidade.

Foi uma vez numa corrida, que me surpreendi, a avaliar o perigo em cada curva e cada passe. Olhei e vi em meu redor, uma multidão prêsa e vibrante, pronta a aclamar o vencedor. Também eu estava numa tensão grande, quase a explodir. Ligava a minha vida à desses valentes que a tinham prêsa por um fio a esticar, a esticar cada vez que o touro investia ou quando faziam uma ultrapassagem arriscada. E ninguém queria ver o fio partir, mas todos pediam intimamente que esticasse a mais não poder. E foi uma vez numa corrida, que eu pensei, que a multidão vibrava tanto, porque o fio podia esticar mais ainda. Mas, ninguém queria que o fio partisse.

E agora também estou na multidão. Leio nos rostos à minha volta a ansiedade e alívio, compassados com o aparecimento de um ponto negro, e o abrir do paraquedas, mas agora a multidão não vibra. Conversavam despreocupados, quando no céu surgiu o monstro negro. Fê-los calar o ruído dos motores e então esperaram o seu pôr de ovos no céu imenso, sem pensar que esses ovos são homens, como eles· Com ansiedade viram a sua queda e, com alívio, a travagem brusca da sêda verde. Despreocupados voltaram às suas conversas, quando o monstro negro se afastou com o ruído dos seus motores, e a multidão não vibrou. Fiquei quase revoltado, quase triste. Não seriam também valentes, esses que desafiaram a morte, prêsos também só por um fio? Não mereciam ao menos um frémito de admiração? E enquanto do céu, tombavam num florir rosas verdes e brancas, a multidão olhava calma, como para um destino implacável. Só então reparei, que ninguém vibrava como nas corridas, que eu via, porque agora o fio não podia esticar mais.

F. M.

APRESENTAÇÕES

— Apresento-lhe Fulano de tal... Muito prazer! — O prazer é todo meu!

— É Paraquedista! Pronto, estragaram tudo. Até ali, tinham-me olhado com aqueles olhos vagos que se usam nas apresentações, numa despreocupação segura de si. Se vier a conhecê-lo melhor, então saberei o seu nome, o que faz, etc... Se não voltar a vê-lo, também não vale a pêna meter mais um nome na cabeça.

É Paraquedista! E muda tudo. Miram-me da cabeça aos pés; intìmamente, devem comparar-me com os outros semelhantes. Procuram, concerteza, adivinhar na minha mente, o ponto obtuso que me fez desviar da rotina animal. Alguns devem julgar-me um pouco «chalado», coitadinho! Outros fazem um olhar de quem tem na sua frente, um bicho esquisito!

E logo vêm as perguntas de sempre: — Não tem medo? Eu tinha, não era capaz, só se me empurrassem! Qual a sensação que sente? E se o paraquedas não abre? De quantos metros salta? Antes de abrir conta até dez, não é? — Não, não é.

Também tenho medo, mas sou eu que me empurro. Admiração! Pois é verdade. Tenho medo, ninguém me empurra e eu salto!

Salto porque quero, porque sou capaz de vencer o instinto animal, porque gosto de coleccionar vitórias sobre mim. É difícil, lá isso é, mas só assim é que tem interesse. O que é fácil todos fazem. E o ponto obtuso que podem encontrar na minha mente, é que tenho uma antipatia especial pelos nomes comuns.

Tenho medo e venço-o, tenho mesmo cada vez mais. O primeiro salto não foi o mais difícil, não, a gente nunca se habitua. Cada vez tenho mais medo. Talvez um dia não consiga vencê-lo; mas então, nesse dia, eu morrerei para mim· Então não haverá mais sensações. Porque a sensação que se tem, é essa. Saber que vencemos mais uma vez. Que fizemos algo de difícil, e sentimos mais forte a vida e acreditamos num Deus. A saída do avião, não é um salto para a Morte, é uma libertação, um acto de fé, um passo em frente, na conquista de nós mesmos. Qual é a sensação que se sente? É esta que eu experimento, cada vez que saio da vulgaridade e que não sei explicar melhor. Não pode julgá-la, quem não puder experimentá-la.

E se o paraquedas não abre? Abre, o paraquedas abre sempre, é esse o nosso acto de fé. E se não abrir por si, abrimo-lo nós, com a ajuda de Deus porque temos esperança.

De quantos metros salta? De muitos. Varia. Primeiro que tudo, há três categorias de saltos: Operações, treino e abertura manual. Nos dois primeiros a abertura é automática, e não é preciso contar coisa nenhuma. A altura dos saltos em operações, depende ainda de muitas circunstâncias, que demorariam demasiado a minha explicação. Podemos aceitar como altura mínima os 150 metros. Em treino, salta-se de 400 metros. A razão desta escolha é simples. Em queda livre, demoraríamos 11 segundos a percorrer essa distância. Se concedermos 4 segundos para o funcionamento automático do paraquedas dorsal, e 3 segundos para o funcionamento do paraquedas de reserva restam-nos ainda 4 segundos que são o suficiente para nos apercebermos da não abertura do dorsal e para fazermos funcionar o paraquedas de reserva, por um acto da nossa vontade.

Nos saltos de abertura manual, as alturas variam dos 600 metros, aos milhares do record mundial. Será tanto maior, quanto mais tempo de queda livre desejarmos fazer. Calculam-se 500 metros para os primeiros 13 segundos e depois, cerca de 50 metros por cada segundo mais. Não esqueçam que temos que abrir aos 600 metros! E agora somos nós que fazemos funcionar tanto o paraquedas dorsal, como o de reserva em caso de necessidade. E, pronto! Não há mais perguntas? — Se houver alguma dúvida, terei muito prazer em desfazê-la. De outra vez, serei mais pormenorizado, em certos aspectos.

Perguntem o que quizerem, mas por amor de Deus, não me olhem, assim dessa forma, quando lhes for apresentado e disserem: — É Paraquedista!

Fausto Marques

IFNI

PARAQUEDISTAS ESPANHOIS EM COMBATE

Por motivos já conhecidos, foram as tropas da vizinha Espanha, obrigadas recentemente a entrar em acção, combatendo contra bandos irregulares Marroquinos.

A imprensa foi bastante parca em pormenores desses combates. Apenas algumas menções genéricas focando mais o aspecto político e uma ou outra fotografia obtida bem longe das zonas de combate.

Inicialmente o enclave de Ifni foi atacado por «1.200 homens do Exército de Libertação e 600 guerreiros locais».

Do lado Espanhol, as acções mais importantes foram levadas a cabo por tropas das «Banderas Paracaidistas».

O primeiro morto dos «Batalhões do Céu» foi o Tenente Ortiz de Zárate que se encontrava comandando o seu pelotão de paraquedistas instalado numa elevação. As perdas infligidas ao inimigo foram enormes, graças à vantajosa posição conseguida. O seu heroísmo, indescritível. O pelotão resistiu nove dias em manifesta inferioridade numérica e sem víveres nem água porque a estreiteza do cerco e a pequenez da posição impediam o aproveitamento dos envios aéreos.

O Tenente caíra gloriosamente e o sargento Moncada foi seu digno sucessor. Eu sou o novo Tenente Ortiz de Zárate! E fez jurar os seus homens, perante o corpo do Tenente, que resistiriam até à morte.

Finalmente foram libertados por uma coluna de socorro e, sob fogo de morteiros, retiraram para Sidi-Ifni, levando com eles o corpo do Tenente.

Embora não tenhamos dados concretos, parece terem entrado em acção cerca de 2.000 paraquedistas. E o facto de, entre as baixas, se contarem perto de duas centenas de mortos e desaparecidos, diz-nos bem da dureza dos combates.

Mas a situação passou a estar totalmente dominada pelos Espanhois. Nos últimos dias do ano a calma reinava em todo o território e, enquanto os postos avançados se mantinham vigilantes dominando os pontos-chave, as tropas estacionadas em Sidi-Ifni podiam festejar, talvez nostàlgicamente, a passagem do ano, animadas por Carmen Sevilla e um grupo de artistas que generosamente se dispuseram a alegrar um pouco os que, longe, velavam pela honra da sua Pátria.

Duas zonas com características geográficas distintas, foram palco das operações: — uma, o enclave de Ifni, região acidentadíssima; — outra, o deserto, com grandes extenções planas.

Em ambas as regiões as tropas paraquedistas desempenharam papel de grande relêvo quer actuando isoladamente quer em reforço das guarnições dos postos do interior. A sua contribuição para o êxito foi decisiva.

Alguém que ali combateu ao lado dos paraquedistas Espanhois, classificou de heróico o seu comportamento. Foram obrigados a actuar em terreno nada propício a Aéro-transportados, especialmente no que se refere à acidentada zona de Ifni, mas, com grandes sacrifícios, desempenharam cabalmente as missões que lhes foram cometidas.

O vento foi uma vez mais um grande inimigo. Lançamentos efectuados em terreno acidentado e muitas vezes com vento superior a 40 quilómetros por hora, não podem ter deixado de provocar baixas à chegada ao sólo.

Mas, enfim, o paraquedista não adora facilidades. No difícil encontra muitas vezes o estímulo que o conduz mais longe, onde as suas forças pareciam já não chegar.

Em Ifni e no deserto conheceram os briosos paraquedistas de Espanha muitas e grandes dificuldades. Para o cansaço e para a dôr, sempre encontraram resposta no tom marcial e confiante das suas canções.

Certo dia, os homens que guarneciam um posto fortificado ficaram estupefactos perante o que viam: uma coluna de paraquedistas que haviam cumprindo uma missão a cerca de 100 quilómetros dali, apróximava-se lentamente. No meio da coluna, arrastava-se um camião tão velho que fácilmente se acreditava ser incapaz de funcionar.

O camião realmente não trabalhava e havia sido empurrado durante aqueles 100 quilómetros. Vinha carregado de paraquedas. Ninguém lhes tinha ordenado a sua recuperação. Mas é que aqueles homens sabiam ser a falta de paraquedas uma das razões que estavam entravando a entrada em acção da sua Unidade!

Ao entrar no posto, o evidente esgotamento físico de todos não impediu que o fizessem entoando o seu hino «Los Paracaidistas pechos de muralla...»

Um dos problemas que mais compungia os nossos camaradas Espanhois era o da evacuação dos feridos. Extraordinàriamente dificultada pelo acidentado do terreno e falta de transportes, os paraquedistas inferiorizados tinham muitas vezes que ser entregues à sua sorte, deixando-lhes como únicas companhias alguns alimentos e uma ou duas granadas de mão. Mais tarde estes homens pràticamente indefesos sofreriam na cobarde tortura do inimigo a agonizante tragédia de quem morre por um Ideal, sem ver completada a missão.

No deserto, a feição da luta era bastante diferente da de Ifni.

Enquanto na região montanhosa as armas de tiro curvo desempenhavam o papel principal e era difícil a escolha de zonas de lançamento, nas planuras do deserto as armas de tiro tenso davam o máximo rendimento. Os lançamentos faziam-se em zonas vastas mas muitas vezes tinham de ser interrompidos devido a bruscas mudanças de tempo.

Algumas vezes aconteceu não haver possibilidade de completar a largada de um agrupamento tático, pela alteração na velocidade do vento que, em poucos minutos passava de normal a inoperativa.

Resultavam daí, por vezes, situações difíceis quando as Unidades que possuiam armamento de apoio não podiam ser lançadas e portanto às Unidades já no solo faltava potência de fogo.

Daqui se conclui que, mesmo nos pequenos escalões, a articulação das vagas de transporte deve coincidir com a articulação tática.

Algumas vezes, no deserto, as zonas de lançamento foram balizadas de maneira expedita: o avião guia lançava fumos e sacos de serradura que, rebentando no sólo, marcava o eixo de lançamento.

As tropas lançadas não dispunham de viaturas o que, aliado ao acidentado terreno no enclave, tornava extramente difíceis os deslocamentos e remuniciamento.

O escalão de apoio dos Aéro-transportados estava localizado nas Canárias. Dali se fazia o abastecimento aéreo das zonas de operações.

(Continua na página seguinte)

OS NOSSOS POETAS

Ter - te longe

Ter-te longe, amor
É viver saudades,
É imaginar carinhos,
É arquitectar realidades,
É sentir a dor
Dos que estão sózinhos...

Ter-te longe, amor
É sentir mais viva a vontade
De correr a abraçar-te,
É viver nesta ansiedade
Louca e desenfreada
De encontrar-te
Na primeira volta da estrada...

Ter-te longe, amor
É viver mais palpitante
O sentimento que nos une,
É procurar a cada instante,
A distância que nos separa, encurtar,
Para que a vida
Nos teus braços
Eu possa novamente encontrar.

L. T. Faria

Enigma

É bela!
Maravilhosamente bela!...
Tem algo de fenomenal que nos atrai,
Algo de gostoso que nos ilude
E nos decepciona, porque é irreal.

Como possui-la?
Nem eu sei!
Embora imprópria e muito feminina
Urge guardá-la se se estima
E prendê-la como feroz animal.

Se alguém a estima, eu sou esse alguém;
Se alguém a deseja, eu sou esse alguém;
Se alguém a sonha, eu sou esse alguém;
Se alguém a ambiciona com loucura
Talvez seja usura
Será talvez fraqueza,
Mas se eu a possuisse com máxima grandeza
Far-lhe-ia mesura,
Cortejando-a qual majestade...
Ainda sou esse alguém.

Com sentimento nobre
A que alguém chama amor
Não se coaduna,
E foge quanto pode, qual boato
Pois essa donzela a que não sinto o tacto
Chama-se vaidosamente!...
Dona Fortuna

C. Manuel

DESPEDIDA

Vou deixar-vos e tenho pena! Sei porque já o sinto. Vou ter saudades vossas — do mais raso, ao mais graduado — da torre, do paraquedas, dos jogos «renhidos» — enfim vou sentir falta do Batalhão de Paraquedistas!

Recordando tantas facetas da minha vida em que sempre me achava diferente dos outros, não ligando com eles, às vezes estranhando que me não compreendessem, posso agora concordar na indole que sempre tive — de Paraquedista!

Conheci algumas Unidades — umas só de visita, outras por delas fazer parte — mas só aqui encontrei amizade e camaradagem no mais alto grau. São dois predicados que admiro e que faço os possíveis por cultivar. Por isso as saudades moer-me-ão quando voltar ao meio onde é exclusivo o reinado dos «amigos de Peniche», da inimizade, da malquerença. Qual a explicação de tal ambiente? Momentos perdi matutando sobre o caso, o porquê deste ambiente mas só o descobri verdadeiramente no dia do meu primeiro salto. Dia célebre de Dezembro, alvoroço desde a madrugada — Mêdo! Sensação estranha quando antes de entrar para o avião meu filho me veio desejar felicidades! Sensação estranha, como que união de espíritos receando uns pelos outros, quando sentados no avião.

Sensação angustiosa à voz de «levantar», «enganchar». Se alguma vez tivesse duvidado que as minhas pernas negassem o salto por a força do mêdo ser maior que a força de vontade, tenho a certeza que nesse instante a dúvida se desvaneceria — com esses «hurrahs», foi ainda maior a decisão de saltar. Tive de o fazer e fi-lo por mim e por vocês que foram os que afinal não duvidaram que eu saltasse!

De novo sensação estranha de orgulho pelo mêdo vencido, de extase, de domínio, pelo que tinha a meus pés! E para nos deixar gozar essa sensação, quão grande é a quietude, o silêncio no espaço. Mas de novo a sensação de perigo nos atormenta — é a aterragem: o grande momento para a integridade do paraquedista. Uma vez chegado e sem novidade, senti ganas de pular, gritar aos quatro ventos.

Quão esquisito e belo é saltar com paraquedas.

Sou dos vossos!

Foi um dos dias mais felizes da minha vida. Tudo agradeço a vós — até ao «caldo» amigo do Durão e ao abraço do nosso Comandante.

A tal união, a tal camaradagem a falar por gestos! Os dias foram passando e os saltos foram-se sucedendo, sempre emocionantes sempre com algo diferente para contar — desde a saída até à aterragem — até que o próximo era o décimo, o do brevet. Fui para ele com um mêdo terrível, mêdo de que a minha decisão fraquejasse, mêdo de mostrar mêdo mêdo de não ser Paraquedista. Mas... saltei! E assim foi-me dado, antecipadamente, a 21 de Dezembro o segundo melhor dos presentes do Natal que sempre tive — o primeiro foi o meu filho: o nosso «lambreta», digo o nosso porque ele diz também querer ser «Paraquedista» e se o não fôr não será pelo pai a desculpa!

Assim o médico do Batalhão passou a ser dos vossos.

Desde Abril a Fevereiro, dez meses passaram — a minha vida profissional foi bastante prejudicada mas tudo isso que importa se me identifiquei, se vos conheci e acompanhei, se consegui ser Paraquedista!

Resta-me só agradecer-vos a consideração que sempre por mim manifestaram e desculpar-me das vezes que errei, julgando que o não fazia. E haja o que houver, nas alegrias ou tristezas da paz ou da guerra... «*Que nunca por vencidos se conheçam*» *os que abrem aos ventos as pandas velas.*

Abraça-vos a todos, o Aspirante Medico Paraquedista

Henrique Soudo

Continuação da página anterior

Para dificultar o aproveitamento pelo inimigo do material lançando em paraquedas fora do alcance das tropas a que se destinava, alguns fardos continham armadilhas que vitimavam os desconhecedores que tentavam abri-los.

O abastecimento de água tinha, evidentemente, importância capital.

Utilizou-se um procedimento original: lançamento de grandes barras de gelo, em vez de água em bidons que, em grande parte, rebentavam à chegada ao sólo. Grandes instalações frigoríficas fabricavam o gelo necessário e o aproveitamento era total visto que bastava deixar derreter as barras em telas de lona impermeável.

Em todos os transportes e lançamentos foi usado exclusivamente o Junker 52, o que é de salientar pela pequena capacidade de carga destes aviões e, consequentemente, grande número de aparelhos necessários. De resto, já antes se estabelecera uma ponte aérea de Madrid para as Canárias.

Os irregulares marroquinos surpreenderam as tropas Espanholas quanto à sua forma de combater que, longe de ser desordenada, parecia revelar apreciável treino. Estavam equipados e bem armados com material de várias origens, inclusivé armamento Espanhol.

Contra tudo lutaram e venceram os paraquedistas de Espanha. O seu comportamento constitui mais uma página repleta de valôr, para juntar ao brilhante historial do paraquedismo.

Muito embora alguns dos que contribuiram para estas gloriosas façanhas já não possam escutar-nos por terem pago com a vida a bravura de que deram mostras, aqui ficam as nossas homenagens na certeza de que serão lembrados pelos paraquedistas de Portugal.

A. M. C.

CANDIDATOS A PARAQUEDISTAS

Fiz o ano passsado parte da Junta de Inspecção de Tropas Paraquedistas que funcionou no Hospital Militar Principal e Escola do Exército em Lisboa. Tive assim oportunidade de lidar em primeira mão com aqueles que quizeram ser Paraquedistas como eu. Desde o princípio ou quase, observei as suas reacções, os motivos porque foram voluntários para uma vida que lhes era totalmente ou em grande parte desconhecida. As razões que atraíram esses rapazes novos para a aventura nova e perigosa. O desconhecimento que quase todos confessavam, a ignorância em que vinham, desconcertaram-me um tanto.

Admirei o seu espírito de decisão, a vontade inquebrantável de alguns e entristeci-me com as razões que outros apresentaram. Houve concerteza uma falha na organização que teve muitos oferecidos, mas poucos escolhidos. É para tentar remediá-la na medida que me parece possível que me resolvo a iniciar hoje uma série de artigos, cuja finalidade será esclarecer os jovens que anseiam por uma vida diferente e que procuram um ideal distinto e elevado.

Ser Paraquedista não é mais ser aventureiro, nem contar com menos uns parafusos, como muita gente ainda pensa. É sim ser ousado, saber medir o risco e compará-lo com as nossas possibilidades. Não é preciso nem basta, ter garganta, é preciso sim muita consciência do valor pessoal e o desejo enorme de alcançar um ideal. A recompensa de um salto em paraquedas não é material. É a alma que vive e vence o mêdo, é preciso coragem e valor reais e é o espírito que colhe todos os louros da vitória.

Pois nos candidatos que se apresentaram à Junta de Inspecção encontrei as razões mais dispares, o conhecimento mais enganoso, o quase anedótico e caricato que os fez voluntários a Paraquedistas. Antes de começar as provas procurei conversar com todos e indagar da razão porque desejavam ser Paraquedistas e ao mesmo tempo tentei dar-lhes uma ideia da Unidade e ambiente que iam encontrar. Não passo sem relatar alguns casos que me ficaram na memória. Muitos tinham ido porque lá os da terra, disseram todos que queriam ser Paraquedistas na altura da inspecção. Que nunca mais haviam pensado no caso, e que agora não desejavam por nada continuar na tropa. Outros parece que foi a ordenança que escriturava as suas armas de destino que resolveu por eles. A um quando lhe perguntaram se sabia o que era ser Paraquedista, respondeu que Paraquedista era o homem que ia nos aviões e empurrava as bombas cá para baixo. Quando lhe disseram que a bomba era ele, quase fez uma cara de terror e não quiz pensar mais em ser Paraquedista. Havia ainda os que vinham porque a boina era uma coisa bonita ou porque a saída entre as pequenas era maior. Porque iam ganhar mais ou porque tiveram um desgosto na vida e queriam procurar a morte heròicamente ao serviço da Páiria. Havia finalmente os que desejavam ser Paraquedistas, que tinham um ideal e sabiam o que queriam. Faziam uma ideia bastante certa do que os esperava.

É para esses que escrevo e para os outros que queriam seguir os seus passos. E no próximo número apresentarei as provas médicas a que são sujeitos os candidatos ao corpo de élite do Exército Português.

Pereira Marques

23. 01. 57

O dia não tem importância, o momento é que é especialmente delicado para a sensibilidade humana, e por isso se reveste de sublime significado que a data ficará a atestar.

A noite de sinistras trevas, não é de molde a permitir ao espírito pelo pensamento, criar incentivo capaz das decisões do subconsciente, antes as torna torpes e lhes engrossa o caudal de temeridades que são os contras, sem que entre eles se encontrem os fortuitos valores dos prós.

Mas ao desvanecer-se o breu que nos cerca, ao dissipar-se o manto negro que nos envolve e com ele o pesadelo, libertamo-nos do superfluo para dar lugar a uma realidade e volume a um ideal.

Antes, porém, que o sol desaparecesse no horizonte, o pesadelo era já uma obcecção, uma ideia fixa no martelar contínuo do pensamento. O fardo que nos tomou, a cada momento maior e mais pesado, acabará por presidir à nossa vontade, levando-nos além do instinto de conservação, que frente à perseverança fá-lo-á ceder perante a indomável força que é o amor próprio, encarnando em si a necessidade biológica de um novo tipo de homem, segundo Pitigrilli.

... Após noite de insónia como se num posto avançado aguardássemos o ataque inimigo, surge um dia de aspecto indeciso e a hora em que perante o JU - 52 montamos sobre o corpo o arnês do paraquedas.

O ruído dos motores tem a entoação tumultosa de imprecações, na densa multidão que impaciente aguarda o espectáculo bárbaro, pleno de sangue e cruel que é a guilhotinação. O corpo abala-se, e frémitos gelados percorrem-nos como que a acentuar a transcedência do momento na confusão espiritual. À medida que as bandas nos cingem a sêda, sentimos como que o abraço amigo a reconfortar-nos e a incitar-nos para o passo que a plenitude das nossas faculdades nos há-de conduzir e fazer triunfar.

Agora, no ventre da abominável ave de alumínio a descolar, tudo vai ao extremo. Sentimo-nos deslocados, tudo em volta é estranho, o ambiente é diferente, nós não somos nós, sorrimos, sorrimos instintivamente, amarelecidamente, não há nele nada de natural, é a necessidade de dissimular o que nos vai na alma que a isso nos obriga. Porém, essa atmosféra que paira entre nós tensa, ténue e tão diáfana não consegue esconder tudo, mesmo nada, antes o virus de nossos rostos nos acentua a nostalgia, nos grava a angústia que permite aos veteranos, aos de experiência própria, identificar e classificar-nos, apesar da homogeneidade do ambiente, do misto de terror a alternar com a irrefutável fibra máscula que nos faz encarar proporcionalmente a situação. E como nos momentos críticos, nada há em nada, que consiga alterar a afincada e indestrutível força que nos irmana. Desde a condição hierárquica aos ascendentes sociais, a acrofobia é o grande diapasão.

Eis a 500 metros do solo o momento vital, e como é de transcedência total é também igualmente impossível, só o indíviduo esmagado pelo seu pêso o pode conceber.

Com um silvo agudo, prolongado e sinistro do claxon colocado atrás da carlinga, levantamo-nos à ordem do largador. Arrumam-se os bancos e engancha-se, enquanto a luz vermelha de uma minúscula lâmpada permanece acêsa. A sua transição para uma outra côr verde que lhe está junto, serão os derradeiros segundos que levam o primeiro a tomar posição de saída à porta. Então a voz de «GOO» do largador será o fulminante do projéctil humano que de dentes cerrados e corpo hirto se lançará pela vez primeira no espaço. Tudo se desvanece ao abrir-se a grande sombrinha, e tudo se assegura quando por movimentos largos traduzindo esfusiante alegria, estámos suspensos entre céu e terra.

Esta provação altera o curso de nossas vidas, manifestando-se por uma índole mais fibrada, como irremediável reacção de êxito sobre o complexo.

É a vitória do homem sobre o homem.

Frois Ribeiro

Mimórias dum Aparaquedista

(Aventuras contadas pelo Gregório Garcia quando voltou do Quartel)

Sou um *melitar* da tropa e chamo-me *Gregoiro*. Na minha terra era *munto* conhecido pelo *Gracia*, mas desde que vim *pró cartel* de Infantaria 13 (o azar sempre me *presseguiu*!) deram de me chamar o *vira-latas* porque verdade, verdadinha eu cá *ná m'atrapalho* e *boto* seis ou sete pratos de rancheta no bandulho *q'uinté* o nosso *Ospirante* me *dixe* um dia: — Eh valente!...

Cando m'apresentei no *cartel*, vi-me assim a modos de atrapalhado porque chega-se um *home* à minha beira e *dixe-me*:

— Tu aí, como te chamas?

— *Xaiba* você...

— Você não, seu burro! O nosso Tenente! — *Dixe* um *oitro* que tinha uma grande barriga e as calças a cairem *prás* pernas. A *mê* ver devia ser Sargento. Nunca mais *lo* vi.

— *Xaiba atão* o *mê* Tenente que me chamo *Gregoiro Gracia*.

— Então és ainda parente do Toureiro mexicano?

— Eu cá *ná* senhor. Eu só tenho um irmão *qu'é* ferrador e *qu'ás* vezes por *advertimento* se põe a *torear* o *xibo* que lá temos em casa, *qu'é* da gente *arrebentar* a rir. Todos dizem *qu'ele habia* de dar um grande *toreiro*, óh lá *s'habia*!...

— O que fazias na tua terra?

— Eu, por fazer, *ná* fazia nada, mas o velhote é que *ná* ia pelos ajustes e *atão habia qu'inganar* o *home* fingindo *qu'era* um moiro de trabalho.

E *ná les* conto nada. Deram-me uma farda *munto* mal azada onde *cabia* à vontadinha mais *oitro* dentro. Isto na tropa *despredíça-se munta cousa*! Raparam-me o cabelo e assim comecei a minha de vida *melitar* como soldado *recluta*. *Ná les* conto o que passei na instrução, mas comecei por *espertar* a *mimória* e fiquei *munto* mais *isperto*.

Um dia na *Orde* de *Servicio* do *cartel* vinha, a modos dum anúncio, pedidos *pra boluntários* pra *apáraquedistas*.

Cá o rapaz *ná s'atrapalha* e fui ter com o nosso Sargento *qu'é munto mê* amigo e *dixe-lhe:*

— Olhe cá *mê* Sargento. Eu cá quero ir *prá apáraquedista*.

Faça você *mê* Sargento a esmola de *fajer* a declaração.

— Olha que o paraquedista—*dixe-me* o Sargento—não é só trazer aquela farda com que se engatam as cachopas. Olha que tem muitos espinhos e é preciso ser-se aprumado, valente, cumpridor, enfim, ter disciplina e ser educado.

— Lá isso *mê* Sargento, *inducação ná* me falta.

— Bem sei que és bom rapaz e por saber disso é que te vou fazer a declaração.

E deste modo me vi um dia na instrução *apáraquedista*. Suei *munto*, principalmente *cando* tive que *m'atirar* duma torre *munto* alta. Uma torre a modos dum moinho de vento *pra* tirar *auga*. Ai mãe que mêdo! Mas claro *ná* desisti! Os *oitros tamém* saltaram e eu *inguli in sêco* e... záz! catrapuz! Vim parar ò chão mais moido que pescadinha *maramota*.

Chigou o dia *qu'iamos* saltar do avião. Nessa *noute* nem dormi e só me *daba pra* rezar.

Escrebi à cachopa (eu tenho uma *combersada* na terra, chama-se *Questódia* e é *munto* boa rapariga) que se morresse *ná* chorasse por mim porque morria *ò servicio* da Pátria.

Pra pôr o *aparaquedas* foi um trabalhão mas *ò* fim de *munto* tempo e ajuda, fiquei prontinho. *Assubimos* ao ar. As pernas deram de tremer que nem *m'agantaba* de pé. O avião deu duas voltas e *atão* o nosso Sargento, *cando s'oviu* uma sirene, mandou-nos saltar. Os *oitros* foram saltando, mas *cando chigou* a minha vez, as pernas prenderam-se e se *ná* é o de trás empurrar-me, eu *ná saltaba*!...

Vinha no ar e foi *atão* que *m'alembrei* que *ná* tinha *ingachado* o *mosquitão*. Ai... Jesus que vou morrer!... *Dixe* eu *pra* mim. Mas *ná* senhor *ná* morri... Fui mesmo cair no rio Tejo que passa perto e *cando* me tiraram da *auya inda* trazia amarrado a um dedo um caranguejo dos do rio *qu'andaba* em passeio de turismo.

Estibe no hospital seis semanas e depois mandaram-me *imbora prá* terra *nà serbia pra apáraquedista*...

Bem *digia* a minha *Questódia:*

— Olha *Gracia*, olha que *pra* seres *apáraquedista* tinhas de ser *oitro*. O *tê* ofício é *cabar* a terra, raio...

Xim senhor, *dou-le* razão à cachopa. Essa tropa foi *inbentada prós* valentes e *desimpenados* e pra *oitros* que *nà* eu que *ná* tenho instrução *acaje* nenhuma.

Registado por *Marco Aurélio*

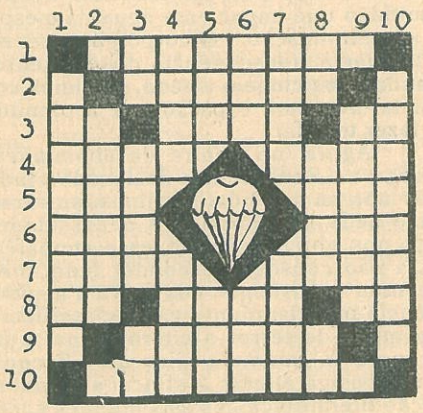
PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

1 — Nome dado à associação de dois seres com proveito mútuo. 2 — Relevo. 3 — Consoante repetida; Filtrai; Prefixo latino que significa aproximação. 4 — Defeito; Atendei. 5 — Passada; Prefixo latino que significa apartamento. 6 — Fluído aeriforme; Nelas. 7 — Prégar; Imite a voz do lobo. 8 — Negação; juntes; Interjeicão que faz parar os animais. 9 — Tornar metódico ou regular. 10 — Moves-te.

VERTICAIS

1 — Nome da filha de Edipo que o acompanhou quando ele descobriu a vileza que cometera. 2 — Flutuaras. 3 — Afastar-se; Chã; Parte mais larga da perna das rezes. 4 — Cidade onde vivia Maomé antes de ir para Medina; Artérias. 5 — Passagem (forma arcaica); Descobertos 6 — Naquele lugar (inv.); Lie. 7 — Desocupação; Vesti. 8 — Conjunção; Habitante da India (inv.). 9 — Expedia. 10 — Obra de Homero que conta as desventuras de Ulisses.



Solução do número anterior

HORIZONTAIS

1 — Amazonas. 2 — Inábil. 3 — És; azul; se. 4 — Remo; opas. 5 — Ara; Ave. 6 — Cio; par. 7 — Lava; Sant. 8 — És. rimo; al. 9 — Medial. 10 — Desalmar.

VERTICAIS

1 — Heracles. 2 — Sérias. 3 — Mi; maov; me. 4 — Anão; aras. 5 — Záz; ida. 6 — Obu; mil. 7 — Nilo; soam. 8 — Al; papa; lá. 9 — Savana. 10 — Desertor.

...SALTA!

Orgão Mensal do Paraquedista

*

Director e Editor

Capitão Fernando Soares Cunha

Redactor Principal

Furriel Claudino Cruz Ferreira

*

Composto e impresso na

Editorial Filatélica

*

Ano II — Janeiro-Fever. — Nos. 17-18 — 1958

NO DECLINAR DA VIDA

por Martins Cacela

Tarde de Primavera. Sol luminoso sobre vegetação luxuriante que atapetava um terreno de serras de calcário e por cujas encostas se disseminavam primitivas habitações. Terreno pobre, onde não viviam mas apenas vegetavam seres humanos miseráveis, tão pobres como ele, arroteando, cavando e tropeçando em pedras.

Sentado junto a um muro de pedra solta, consolava-se um velho octogenário, calvo, corcovado, com aquele Sol que o vira nascer e crescer e que, ao contrário dele, era sempre jóvem, sempre o mesmo! A carcaça arqueara-se-lhe, caíra-lhe o cabelo, aprodreceram e esmigalharam-se-lhes os dentes, fora-se-lhe o tecido adiposo, branqueara-se-lhe a barba, a pele endurecera, curtira-se e adaptara-se a uma surperfície rugosa, imposta por tendões e músculos retesados e por ossos a distorcerem-se. A sua beira brincava um nétinho, entretendo-se com um moínho de colmo que ele lhe fizera.

Grande contraste entre dois seres separados especialmente por poucos metros, e pelo tempo tão afastados! A esperança no futuro e a desilusão do passado! Juntos, a aurora e o crepúsculo da vida! Um que há-de entrar na pujança da vida, que não tem ainda desilusões no seu pequeno mundo; outro que vê que os dois meses e tal de anos que lhe passaram por cima, o marcaram indelèvelmente e o transformaram, nesse ciclo da vida em que carne e ossos encarquilham, a pele se enruga, se embota a inteligência e chega de novo a ingenuidade e a infantilidade!

O petiz fala muito, ele pouco; aquele corre e ri; este mira-o, de cabeça baixa, como que embebido num passado saudoso que não mais volta! E eu vejo nos movimentos lentos da cabeça do velho a seguir os da criança, a saudade desse passado longínquo, recheado dos melhores momentos da vida, e a triste resignação de voltar à terra donde veio e na qual tudo perece: vingança, ódio, amor, alegria e tristeza! Uma bicharada antropófaga aí o espera para o devorar, para nele se criar, reproduzir e... morrer também! Unica vingança certa que os inocentes atribulados podem desejar aos seus opressores! Ah! Olhar de velho que já não tens a penetração e a vivacidade de outrora! Os teus horizontes se hão reduzido!

Tu que outrora calcurriaste toda a redondeza em busca de uma vida melhor, esbarraste contra a tua própria destruição que te mina indetível! Tu que nunca conheceste a cama por doença, que te afoitavas e escarnecias das intempéries, vês-te hoje reduzido à impotência, aos cuidados daqueles que criaste e de quem... (quem sabe?) não recebas talvez a atenção que lhes dediscaste! Já és um ser a mais, que estorva, por quem os outros anseiam que vás entre seis tábuas para a terra fria, lá lonje, no fundo do vale onde crescem os ciprestes e onde, às cruzes cimeiras dessas câmaras do nada, vás juntar as cruzes por que passaste na vida!

Triste certeza a da morte! Doce remédio para os desiludidos da vida e para os pobres oprimidos! Fatídica paragem esta a do caminho da vida, onde todos chegam e donde ninguém passa! Ridícula quilómetragem a deste caminho que todos querem aumentar e indefinir sem o conseguir!

Impotência invencível e desoladora a dos mortais para alterar a rota dessa equação em que tudo se resolve:

Terra... Vida... Terra!!!

VISÃO EM HORÓSCOPO

Vivemos francamente na época mais paradoxal da história humana. Tenho a certeza de que, se fora vivo, o meu compadre Buda estaria de acordo comigo, tão certo como V+I ser igual a V=l.

A ciência avança a passo de gigante, as descobertas sucedem-se, os acontecimentos precipitam-se, desde os Sputniks à bomba H e aos televisores com ecran-cinemascope e som estereofónico. Mas a verdade é que, aliada à crença dos factos e dos números, aumenta a crença no sobrenatural e talvez com saldo positivo a favor desta.

Daqui resultam vantagens e inconvenientes, como resultam vantagens e inconveninentes do facto de, por exemplo, o Sol aparecer de dia quando não faz falta e não aparecer de noite que é quando fazia mais arranjo.

Uma das consequências da crença no sobrenatural, é o aumento do número de charlatães e da respectiva industria do charlatanismo, quiromância e artes correlativas que, prometendo sol na eira e chuva no nabal, se resumem a embarrilar o próximo.

Uma das facetas mais cómicas e pitorescas do nosso tempo é a moda do "horóscopo". Não há por aí jornal ou revista que se preze, que não inclua nas suas páginas a sua secção de astrologia, "puxada á sustância", com foros de realidade sentenciosa, com que vão governando a vidinha uns tantos espertos.

Quer um fabiano qualquer saber em que dia tratar dos calos, plantar batatas, tomar banho sem perigo de contrair a "Asiática" e tratar de assuntos amorosos ou catar grilos na Patagónia? É simples; basta consultar o "horóscopo".

Quanto a mim, das duas três: ou é refinada aldrabice — no que eu acredito piamente —, ou é uma descoberta que mete num chinelo velho quanta ciência possa existir por Seca e Meca e Olivais de Baixo!...

É certo que tudo isto é tão velho como o mundo, mas o fenómeno que esteve talvez hibernando durante séculos, revive e, a ser verdade o que por aí se diz sob o olhar complacente do Caranguejo e do Capricórnio, trata-se nem mais nem menos que o destino vendido ao domicilio em fasciculos e envelopes mistério; e qualquer bicho careta tem o passado, o presente e o futuro com bónus, pela módica quantia de "duas crôas". É o que se pode chamar uma pechincha; um pau por olho.

O que a mim me admira é que numa época em que 100% dos pisantes desta civilizada terra se julgam duma esperteza extrema, haja tanta gente que vai nisto, e vão no bote tão facilmente como quem embarca num "Junker" para um passeio turístico.

Que um individuo que nasceu gémeo se sinta agradàvelmente impressionado por ter nascido no signo dos "gémeos" e na sina se lê que lhe vaí sair a taluda do Natal, ainda vá que não vá. Mas como reagirá qualquer bípede crente na quiromância e adepto fervoroso do horóscopo quando na véspera do seu casamento se recorde que nasceu debaixo do signo de Capricórnio?

Nada. Em matéria de charlatanismo ainda vou pela banha da cobra que sempre fica mais barata e pelo menos amacia os calos.

Olenga